

PAINEL

A Tradição e os Novos Desafios para a Conservação/Preservação das Informações Arquivísticas

*Miriam Paula Manini**

" (...) meu código de acesso é imenso,
é nexa, é dor, é flor,
é côncavo, é complexo,
é denso, é afago, é amplexo,
é o ninho do verso de amor. (...)
meu código de acesso é intenso reflexo, é som, é cor,
é múltiplo, é convexo, é manso, é sutil, sonho, é sexo, é
uma linda canção de amor."
Código de Acesso, de Itamar Assumpção

O tema desenvolvido nesta coletânea reflete, na íntegra, a Plenária A "*Tradição e os Novos Desafios para a Conservação/Preservação das Informações Arquivísticas*" desenvolvida durante o I Congresso Nacional de Arquivologia, realizado em Brasília, de 23 a 26 de novembro de 2004, cuja temática central é "*Os Arquivos no Século XXI: Políticas e Práticas de Acesso às Informações*".

Quando da reflexão e da escolha desta temática central, a Comissão Científica do I CNA – composta pelos professores do Curso de Arquivologia da Universidade de Brasília – pretendia fazer focar três importantes aspectos relacionados ao acesso aos documentos de arquivo: o político, o intelectual e o físico. Assim, duas outras Plenárias compuseram a parte principal do Congresso, quais sejam: *Políticas Públicas de Acesso às Informações Arquivísticas e Práticas Informacionais Arquivísticas: Um Diálogo Entre Usuários e Arquivistas*.

Os textos aqui reunidos abordam questões relacionadas ao acesso físico dos documentos e suas implicações no trabalho do arquivista. São questões ligadas à preservação e à conservação do documento e da informação, já que inclui a produção e gerenciamento de documentos em meio eletrônico, uma preocupação já não tão nova, mas ainda complicada por sua principal característica intrínseca de deterioração: a obsolescência das mídias, da tecnologia e até dos recursos humanos.

Desta forma, além das questões mais corriqueiras – mas não por isso menos preocupantes e delicadas – são enfocadas questões relacionadas à durabilidade dos suportes, à integridade dos dados e à certificação autoral.

Entre os riscos de perda, deterioração e/ou destruição a que estão submetidas os documentos eletrônicos podemos citar: a ausência ou negligência de critérios de avaliação histórica dos novos documentos, o desconhecimento de informações precisas sobre a estabilidade dos materiais que compõem os suportes informáticos e a obsolescência extraordinária a que estão submetidos.

Para melhor entendermos a amplitude das questões ligadas à preservação de documentos eletrônicos é preciso, antes de tudo, saber que as novas mídias são transitórias (desenvolvem suas funções por um período limitado de tempo) e que é absolutamente necessário implementar a migração sucessiva para novas mídias; as máquinas e programas também caem em desuso, agora em questão de anos e não mais em questão de décadas; o material humano pode também sofrer obsolescência porque as transformações são muito rápidas e precisam ser acompanhadas, conhecidas e estudadas pelos profissionais envolvidos.

Há a curiosa presença de três cariocas – de profissão – junto a uma portuguesa e a um paulista nesta mesa. O Rio de Janeiro, por ter sido capital federal, reúne as mais importantes demandas e, igualmente, os mais atuantes profissionais de conservação do país, não só em termos das técnicas, mas com relação às necessárias reflexões de nossa área. Portugal vem representar o olhar para fora,

ainda que não tão distante, já que somos irmanados por tantos fatores e que a globalização nos aproxima ainda mais. São Paulo é o trabalho que o futuro nos reserva.

Trazer para Brasília estas preocupações, é vislumbrar a atual capital do Brasil mais atenta com as questões da conservação dos documentos e das informações, já que o fluxo de produção de documentos administrativos e históricos no Distrito Federal é intenso e volumoso.

Para além da importância do Programa Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, que difundiu e ampliou de modo extraordinário as informações acerca do assunto em questão e da obrigatoriedade da disciplina Conservação de Documentos nos currículos dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, a contribuição da coordenadora do CPBA, Ingrid Beck – *O Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos e a Formação de Profissionais em Conservação no Brasil: Necessidades e Perspectivas* – lança uma fagulha em tema premente e urgente: a formação de profissionais graduados em Conservação de Documentos.

Há aspectos inegáveis desta demanda:

- a) a quantidade e diversidade de suportes que a conservação deve abranger é imensa e crescente: vai desde papel, passa por papel emulsionado, películas (nitrato, acetato, poliéster) e fitas magnéticas e culmina com os suportes virtuais (como a holografia, por exemplo) e os eletrônicos; isso exige especialidades dentro de uma especialidade;
- b) a simples existência da disciplina nos diversos currículos está longe de formar especialistas, já que é impossível abordar num único semestre a imensidão e variedade de assuntos existentes, e a procura por cursos de especialização é sempre grande e tende a aumentar;
- c) a título de curiosidade – e com o intuito de ampliar a discussão – pensemos em algumas disciplinas que se incluiriam num currículo de curso de graduação em Conservação: Documentos em papel; Documentos Fotográficos; Obras de Arte; Patrimônio Edificado; Suportes Eletrônicos; Suportes Magnéticos; Conservação

Preventiva; Etapas da Conservação de Acervos; Gestão em Conservação e Preservação; Química, Biologia e Física; Reprografia; Diplomática; História; Paleografia; Arquitetura, Tecnologia.

Está posto o debate!

O texto de Solange Zúñiga, *Políticas Públicas, Vontade Política e Conscientização dos Níveis Decisórios para Preservação*, demonstra, a partir da análise das relações entre cultura, política cultural e políticas públicas, como a paulatina adoção dos procedimentos característicos da conservação preventiva rompeu com o isolamento dos laboratórios de conservação/restauração, até então responsáveis pelas decisões referentes à preservação; discute o papel do programa de preservação como veículo desta ruptura; defende a necessidade de envolvimento dos responsáveis por instituições detentoras de acervo nas decisões referentes à sua preservação e utiliza a tomada de decisão em preservação como paradigma da democratização deste processo.

Quando era Diretora do Departamento de Pesquisa e Documentação do então IBAC/Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, em 1994, Solange Zúñiga ministrava a disciplina Elaboração de Projetos, dentro do IV Treinamento em Conservação e Preservação Fotográfica, realizado pelo Centro de Conservação e Preservação Fotográfica, no Rio de Janeiro. Seu interesse pelo assunto abordado em sua contribuição vem de longe e sua positiva influência na mentalidade e na conduta prática de quem teve o privilégio de passar por sua formação é fundamental não só para o sucesso de levantamento de fontes e verbas de financiamento para pesquisas e melhorias em acervos documentais como também na real preocupação com as políticas públicas que devem estar envolvidas com a temática em questão.

Maria Luísa Cabral, da Biblioteca Nacional de Portugal, em sua comunicação "*A Reformatação numa Encruzilhada de Alternativas*", só faz aumentar sua contribuição à área – já amplamente difundida através de seu pequeno grande livro "*Amanhã é sempre longe demais; Crônicas de P & C*". Quando adquiri este livro,

desavisada que o idioma era o português de Portugal, achei que estava prestes a ler crônicas – literárias, ficcionais mesmo – cuja temática era a preservação e a conservação (prometida no subtítulo). Se houve frustração em ver que se tratava de um livro técnico, teórico, surpresa maior foi encontrar a importância de seu conteúdo para a questão da reprografia, assunto muito importante nas discussões sobre conservação e acesso.

Parceira de idioma e de área – uma bibliotecária portuguesa – traz notícias da reformatação para a conservação e para o acesso. Duas necessidades tão costuradas numa malha única: aborda os aspectos técnicos, teóricos e financeiros da reformatação, seja a microfilmagem, seja a digitalização.

O caráter interdisciplinar próprio à Ciência da Informação está registrado e confirmado pelo convite – feito e aceito – a uma bibliotecária para fazer parte de um congresso de arquivistas; afinal, como se sabe, o documento em suporte papel não é privilégio dos livros e das bibliotecas. E, justamente, a acidez do papel e sua conseqüente degradação demandaram, ao longo da história da conservação, a reformatação (a microfilmagem e a digitalização de documentos). E a mesma preocupação – relativamente nova – de se preservar a informação impulsiona e legitima tais práticas. E Maria Luísa revela que não é só no Brasil que existe o “fazer-que-faz-mas-não-faz”, referindo-se às políticas públicas de conservação e preservação do patrimônio escrito.

A contribuição de Sérgio Conde de Albite Silva, “*A Preservação da Informação*”, demonstra sua constante atenção às questões da preservação por um lado tanto teórico quanto técnico: é sempre necessário observar o aspecto da atuação do profissional da informação imbuído de interesse político, munido do conhecimento das práticas e métodos de conservação e pronto para fazer escolhas, apontar soluções e decidir caminhos. A interdisciplinaridade, a que já nos referimos requer do arquivista uma atitude igualmente interdisciplinar. Isso o coloca frente a uma nova postura a assumir na gestão da preservação dos documentos (suportes e informações), muito diferente das atividades tradicionalmente reconhecidas.

Nessa perspectiva, nos dizeres mesmo de Albite, seu propósito é "(...) analisar o estágio atual das questões que tratam da preservação dos registros arquivísticos, levantando aspectos e procurando identificar limites e interseções possíveis entre a preservação da informação e a Arquivística, entendida como Ciência da Informação". Por esta via o autor envereda, trazendo-nos com toda pertinência uma série de observações coletadas por meio de um viés muito mais teórico, lançando sobre a tecnicidade da conservação de documentos um olhar necessário e promissor de novas reflexões, como se verá na leitura.

Encerrando, temos a contribuição de Pedro Paulo de Abreu Funari: "*Gestão, Preservação e Acesso a Documentos Digitais: Patrimônio Cultural e Diversidade*", que revela a experiência do Grupo de Trabalho para Padronização de Procedimentos Técnicos para Preservação e Acesso de Documentos Eletrônicos da Universidade Estadual de Campinas, do qual é presidente. Ele mostra a importância de um trabalho desta monta, considerando, já de início, os documentos digitais no contexto mais amplo da diversidade cultural (conforme indicações da UNESCO) e da preocupação na preservação da memória mundial. Privilegia uma abordagem, segundo a qual os documentos digitais são construções culturais e contêm pontos de vista e visões de mundo para as atuais e futuras gerações. Aponta, especificamente, para o fato de que os arquivos têm uma responsabilidade particular na preservação desse patrimônio e que a Arquivologia tem um papel central na discussão epistemológica e prática da gestão dos documentos eletrônicos.

Há uma intenção na colocação das apresentações nesta ordem e não é mera gentileza cultural de dizer "primeiro as damas". Toda a discussão sobre conservação e preservação dos suportes informacionais e da informação, segundo o nosso ponto de vista, deve passar: 1) pela educação, pela formação e pela informação dos profissionais; 2) pelas instâncias políticas decisórias e pela conscientização da sociedade; 3) por decisões conscientes – e tomadas coletivamente – com relação a que medidas tomar frente a

danos irreversíveis; 4) pelo conhecimento e reconhecimento da importância que a informação tomou e tem tomado com a instalação do já não tão novo paradigma tecnológico e com a obsolescência, protagonizando o cotidiano e, finalmente, 5) pelo olhar para o futuro, para as novas experiências e para o compartilhar de saberes e descobertas. E este último item será a salvaguarda de todos e do patrimônio, atual e vindouro, especialmente se nos convenceremos de que a idéia de parceria, de troca, de transparência é a chave, é o código de acesso ao futuro.

Notas

¹ Profa. Dra. Miriam Paula Manini, Docente do Curso de Arquivologia do Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID), da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação (FACE), da Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora da Plenária “A Tradição e os Novos Desafios para a Conservação/Preservação das Informações Arquivísticas”, Integrante da Comissão Científica e Co-Coordenadora Geral do I Congresso Nacional de Arquivologia, ocorrido em Brasília/DF, de 23 a 26 de novembro de 2004.